



POLARIZAÇÃO POLÍTICA DIGITAL: A CONTRIBUIÇÃO DAS REDES SOCIAIS NA DIVISÃO SOCIOPOLÍTICA EM BOLHAS INFORMATIVAS E AS CONSEQUÊNCIAS PARA A CIBERDEMOCRACIA

DIGITAL POLITICAL POLARIZATION: THE CONTRIBUTION OF SOCIAL NETWORKS IN THE SOCIOPOLITICAL DIVISION IN INFORMATION BUBBLES AND THE CONSEQUENCES FOR CIBERDEMOCRACY

Rodrigo Aguiar da Silva ¹

RESUMO

O presente artigo visa verificar se a utilização de algoritmos para direcionamento de conteúdos personalizados em âmbito digital, principalmente em redes sociais, tem potencial de influenciar a polarização política atualmente existente na sociedade brasileira. Para tanto, adotou-se uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa e utilizando-se o método dedutivo através de uma pesquisa bibliográfica e documental. São analisadas as recentes mudanças da comunicação na sociedade informacional, em face da atual expansão do seu polo emissor, que permitiu a divulgação de conteúdos por qualquer internauta, e as atitudes tomadas por empresas privadas para captar a atenção do usuário, como o direcionamento de conteúdo personalizado através de algoritmos. Busca-se contextualizar tais características da sociedade em rede em um ambiente político polarizado como o brasileiro, tendo a comunicação política utilizado frequentemente as plataformas digitais para fortalecer seus interesses e ideologias perante os cidadãos, acirrando polêmicas e discussões entre estes. Avalia-se os impactos da utilização de algoritmos digitais nessa polarização política, ao restringir a informação dos cidadãos a conteúdos de seus interesses ideológicos, fechando-os às opiniões diversas e dificultando debates democráticos, bem como a necessidade de uma interferência, seja pública ou privada, para dar mais liberdade informativa aos internautas.

Palavras-chave: algoritmos; comunicação; polarização política; redes sociais.

ABSTRACT

This article aims to verify if the use of algorithms for targeting personalized content in a digital environment, especially in social networks, has the potential to influence the current political polarization in Brazilian society. Therefore, a descriptive research was adopted, with a qualitative approach and using the deductive method through bibliographical and documentary research. The recent changes in communication in the information society are analyzed, due to the current expansion of its issuing pole, which allowed the dissemination of contents by any Internet user, and the attitudes taken by private companies to capture the user's attention, such as targeting of custom content through algorithms. It seeks to contextualize such characteristics of networked society in a polarized political environment as the Brazilian, with political communication often used the digital platforms to strengthen their interests and ideologies before the citizens, stirring

¹ Advogado. Especialista em Direito e Processo do Trabalho pela Universidade Estácio de Sá. Pesquisador do CEPEDI - Centro de Estudos e Pesquisas em Direito e Internet, da UFSM. Graduado no Curso de Direito do Centro Universitário Franciscano (2015). E-mail: aguiar.jus@gmail.com.



up controversies and discussions among them. The impacts of the use of digital algorithms on this political polarization are evaluated by restricting citizens' information to the content of their ideological interests, closing them to diverse opinions and hindering democratic debates, as well as the need for interference, whether public or private, to give more information freedom to Internet users.

Keywords: algorithms; communication; political polarization; social networks.

INTRODUÇÃO

Na sociedade em rede, a comunicação ocorre predominantemente no meio virtual, sujeitando o internauta a uma avalanche de informações diante do número elevado de conteúdos postados nas plataformas digitais, considerando a expansão do polo emissor da informação a qualquer pessoa que tenha acesso à internet. Diante dessa hiperconexão vivenciada atualmente, as empresas responsáveis por sites e redes sociais buscaram alternativas para que os usuários ficassem cada vez mais tempo em suas plataformas, podendo assim colher seus dados e tratá-los para encaminhar publicidade e conteúdos de maneira personalizada, através de algoritmos.

Aproveitando-se das características da sociedade informacional, políticos têm utilizado a comunicação virtual como meio de captação de eleitores, sobretudo em um cenário polarizado como o vivenciado pela sociedade brasileira. Nesse contexto, se a utilização de algoritmos para entrega de conteúdo personalizado for analisada no âmbito das comunicações políticas, as informações acabam se restringindo aos interesses e ideologias previamente manifestados pelo cidadão na própria plataforma digital, impedindo-o de ter contato com opiniões diversas da sua.

Desse modo, surge a questão norteadora da presente pesquisa: a utilização de algoritmos para direcionamento de conteúdos personalizados em âmbito digital tem potencial de influenciar a polarização política atualmente existente na sociedade brasileira? Para tanto, adotou-se uma pesquisa com finalidade básica-estratégica, desenvolvendo conhecimentos que possam ser utilizados para compreensão e possível solução do problema sob análise. Além disso, trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa e utilizando-se o método dedutivo através de uma pesquisa bibliográfica e documental.



1 A CRIAÇÃO DE CONTEÚDO PERSONALIZADO COMO PROPOSTA RESOLUTIVA PARA A SOBRECARGA DE INFORMAÇÕES DA SOCIEDADE EM REDE

Vivemos em uma sociedade na qual o principal poder reside nos detentores da informação, tendo a comunicação um relevante papel de influência na escolha das pessoas, seja no âmbito consumerista, social ou político. Nesse contexto, a atual facilidade na propagação virtual de informações com o advento da Internet tem gerado cada vez mais poder aos emissores de mensagens e notícias.

Vive-se, portanto, em uma sociedade informacional, também conhecida como sociedade em rede, caracterizada por sua dinâmica ininterrupta e flexível de troca de dados, sobretudo através da comunicação virtual, divergindo assim da sociedade industrial vivenciada em épocas anteriores². Nesse panorama, torna-se imprescindível esclarecer o que pode ser considerado informação, que segundo Patrick Charaudeau, linguista especialista em análise da comunicação em um contexto midiático e político, é produzida através de um ato de transmissão de um fato ou saber, por um detentor de tal conhecimento - o emissor - para alguém que se presume não conhecê-lo - o receptor³.

Em relação ao polo emissor de informações, é importante referir que, historicamente, grandes veículos midiáticos exercem preponderantemente a comunicação na sociedade através de televisão, revistas, jornais e, mais recentemente, da internet - sobretudo através das redes sociais. Contudo, a informação propagada pela mídia em geral nem sempre é fidedigna, em razão dos interesses de empresas privadas que comandam os veículos midiáticos, fazendo com que determinados fatos considerados inconvenientes não sejam divulgados ao público ou o sejam de maneira distorcida ou superficial, prejudicando assim o público que baseia seus conhecimentos exclusivamente em ou poucos veículos informativos⁴.

Tal visão fragmentada e estereotipada do mundo, transmitida pelas grandes empresas de comunicação, torna a mídia um “espelho deformante” da realidade, não

² GOMES, Wilson. *Transformações da política na Era da comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 43.

³ CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 33.

⁴ Ibid., p. 58-59.



representando a democracia em si, mas sim um espetáculo desta, segundo Charadeau⁵. Nem sempre a fragmentação na escolha de fatos a serem transmitidos ao público é intencional, contudo deve-se ter consciência de que isso ocorre e buscar outros meios comunicativos a fim de não ter restrito o acesso à informação.

Todavia, uma desconfiança generalizada nos meios de comunicação tradicionais pode fazer com que as pessoas busquem informações exclusivamente em plataformas que transmitam notícias sob um único viés ideológico, geralmente aquele em que o cidadão que está acessando acredita. Com o advento da internet e a popularização de sua utilização, sobretudo através das mídias sociais, houve uma descentralização do poder midiático, antes concentrado em uma espécie de oligopólio informativo formado por grandes empresas detentoras dos veículos midiáticos, expandindo a possibilidade de se emitir notícias e informações por qualquer pessoa que tenha acesso à rede mundial de computadores⁶. Assim, o poder informacional atualmente é compartilhado por inúmeros sujeitos em virtude da ampla acessibilidade às informações oriundas da utilização massiva da internet.

Diante dessa expansão comunicacional, André Lemos e Pierre Lévy, os quais destacam a possibilidade de utilização das novas tecnologias como suportes para o ativismo político em busca de uma futura ciberdemocracia global⁷. Tais autores acreditam que a acessibilidade à informação através do ciberespaço pode acarretar uma crescente participação popular, gerando uma espécie de inteligência coletiva, pois “quanto mais podemos livremente produzir, distribuir e compartilhar informação, mais inteligente e politicamente consciente uma sociedade deve ficar”⁸.

Por outro lado, acreditando que a mera existência de um ciberespaço livre não basta para a efetivação de uma participação político-democrática mais ativa, Eduardo Magrani salienta que a variabilidade de entretenimento e o excesso de informações existentes na Internet fazem com que, muitas vezes, o debate político seja deixado em segundo plano, ou que seja realizado de maneira superficial, sem analisar posições contrárias às do usuário da Rede. Esse autor também alerta sobre a potencialidade de

⁵ Ibid., p. 20.

⁶ GOMES, José Jairo. **Direito eleitoral**. São Paulo: Atlas, 2018, p. 516.

⁷ LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010, p. 23.

⁸ Ibid., p. 27.



riscos ocasionada pela sobrecarga de informações na Internet em face da variabilidade de conteúdos transmitidos, podendo ocasionar uma ausência de seletividade de informações recebidas e compartilhadas⁹.

Portanto, o excesso de informações decorrentes das características da sociedade em rede, principalmente diante da facilidade de acesso à internet oportunizada pelos smartphones, acaba causando uma hiperconexão nos usuários das novas tecnologias, que segundo Wilson Gomes

[...] é um estado em que os indivíduos têm sempre à mão um aparelho que geralmente não é desligado nem desconectado da rede. Mais que isso, nesse estado, as pessoas estão cada vez mais rodeadas por múltiplos aparelhos, frequentemente com funções redundantes, por meio dos quais satisfazem funções e necessidades como estar em contato social, atualizar-se sobre fatos, coisas e pessoas que lhe interessam, obter informação, conversar com outras pessoas, transferir para redes sociais digitais conteúdo de todo o tipo e formato, cumprir e agendar compromissos, orientar-se no espaço e na vida, matar o tédio, trabalhar, relacionar-se, entre outras coisas.¹⁰

Por sua vez, Eli Pariser afirma que o excesso de informações não surgiu apenas com o advento recente dos smartphones, considerando que, ainda em meados da década de 1990, empresas já notavam o crescimento exponencial de informações disponíveis às pessoas, o que denomina como o início do “colapso da informação”¹¹. Diante desse cenário, percebeu-se a necessidade de oferecer conteúdos personalizados que atendessem as particularidades de cada pessoa.

Com o decorrer do tempo, as novas tecnologias foram se especializando cada vez mais para suprir as necessidades individuais dos usuários, até que o tratamento de dados para esse fim passou a ser automatizado através de programas virtuais. Esses conjuntos de procedimentos utilizados para oferecer conteúdos individualmente relevantes usualmente se denominam algoritmos, embora estes não sejam necessariamente atrelados ao âmbito digital e sempre dependam de uma intervenção humana através da programação:

⁹ MAGRANI, Eduardo. **Democracia conectada: a internet como ferramenta de engajamento político-democrático**. Curitiba: Juruá, 2014.

¹⁰ GOMES, Wilson. **A democracia no mundo digital: história, problemas e temas**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018, p. 80.

¹¹ PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 20.



Algoritmo é o nome genérico de um conjunto de instruções, de uma sequência de passos com o objetivo de atingir determinado resultado. [...] a noção de algoritmo é bem anterior ao surgimento e à popularização da Internet. [...] Todos os programas de computador precisam de instruções para funcionar. Eles conseguem fazer coisas automaticamente, mas têm de saber quais passos devem dar para que as tarefas sejam realizadas a contento. Essas instruções são chamadas de “código” ou “programação”: elas são receitas de como tais programas devem funcionar. [...] a decisão sobre como algoritmos funcionarão está nas mãos daqueles que os programam e os disponibilizam.¹²

Apesar de não ter utilização exclusivamente virtual, os algoritmos como mecanismos de personalização geralmente têm maior aplicação nesse meio, considerando a atual possibilidade de tratamento de dados fornecidos pelos próprios internautas. Dentre as plataformas digitais existentes, os algoritmos têm sido aplicados com frequência cada vez maior nas redes sociais, tais como *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, a fim de prender a atenção dos usuários nesses locais que, embora gratuitos, utilizam como “moeda de troca” os próprios dados pessoais dos internautas para direcionar publicidade e conteúdos que atendam aos desejos e ideologias dos mesmos.

Nessas redes sociais, tendo como exemplo mais claro o *Facebook*, os *feeds* de notícias - assim chamadas as páginas principais onde podem ser visualizadas as publicações dos círculos de amizades, páginas de interesse e também as publicidades direcionadas - não são organizados em ordem cronológica de postagens, mas sim de acordo com os interesses de cada usuário, definidos criteriosamente por algoritmos que analisam as próprias interações deste na rede social. Segundo tais definições algorítmicas, “mesmo que duas pessoas curtam as mesmas páginas e tenham os mesmos amigos, seus feeds dificilmente serão iguais”¹³.

De acordo com Leonardo Abido, os algoritmos das redes sociais funcionam da seguinte forma:

O algoritmo da rede social é capaz de analisar todas as ações que seu utilizador realiza, como com quais pessoas ele mais interage (curte, comenta ou compartilha suas postagens), com que tipo de informação ele mais interage quais páginas ele mais frequenta e até mesmo em quais vídeos fica por mais tempo. O algoritmo, então, utiliza todas essas

¹² SORJ, Bernardo; CRUZ, Francisco Brito; SANTOS, Maike Wile dos; RIBEIRO, Márcio Moretto; ORTELLADO, Pablo. *Sobrevivendo nas redes: guia do cidadão*. São Paulo: Moderna, 2018, p. 19-20.

¹³ Ibid., p. 19.



informações como inputs, processando-as e gerando como outputs, um comando para que as pessoas ou páginas com as quais os usuários mais interage apareçam, sempre, no topo de seu feed de notícias.¹⁴

Com ampla popularidade, as redes sociais compartilham conteúdos e notícias de modo a manter o usuário cada vez mais tempo na plataforma. Pesquisas recentes demonstram que redes sociais como o *Facebook* são a principal fonte de informação dos brasileiros: pesquisa de 2017 apontou que 55% dos brasileiros acreditavam que a Internet se resumia ao *Facebook*, enquanto pesquisa de 2015 indicou que 72% dos usuários de Internet no Brasil consumiam notícias online¹⁵. Considerando isso, faz-se necessário analisar o cenário recente de comunicação política no Brasil e os motivos que levaram à atual sociedade polarizada que vivenciamos.

2 A COMUNICAÇÃO POLÍTICA NA SOCIEDADE INFORMACIONAL: BREVE HISTÓRICO DO FORTALECIMENTO DA POLARIZAÇÃO POLÍTICA EM ÂMBITO BRASILEIRO

Tendo a atual sociedade em rede elencado a informação como principal fonte de poder e sendo a mídia a principal emissora de comunicações aos cidadãos, naturalmente a comunicação política tem utilizado com mais frequência as novas tecnologias para enviar mensagens ao eleitorado, a fim de fortalecer ideologias. Enquanto nas mídias consideradas tradicionais - como rádio e televisão - a comunicação é realizada de modo rígido (uma mesma mensagem para todo o público), visando chegar a um senso comum, as mídias alternativas utilizam plataformas digitais - como sites e redes sociais - para individualizar conteúdos para públicos específicos.

Ocorre que usualmente as mídias são utilizadas pelos políticos como um meio de manipulação da opinião pública e, para tanto, visam provocar efeitos passionais distantes

¹⁴ ABIDO, Leonardo. Algoritmos e democracia: reflexões sobre a influência da inteligência artificial nos processos democráticos contemporâneos. In: MAPELLI, Aline; GIONGO, Marina; CARNEVALE, RITA (orgs.). *Os impactos das novas tecnologias no Direito e na Sociedade*. Erechim: Deviant, 2018, p. 162.

¹⁵ SORJ, Bernardo; CRUZ, Francisco Brito; SANTOS, Maike Wile dos; RIBEIRO, Márcio Moretto; ORTELLADO, Pablo. Op. cit., p. 18.



de um viés meramente informativo, atraindo a atenção do usuário de forma apelativa¹⁶. Embora tal panorama seja contínuo, é percebido principalmente em épocas eleitorais, nas quais as mensagens acentuam o que Neusa Demartini Gomes denomina de “efeito da impressão”, explicado pela autora como sendo “uma linguagem emocional de palavras e frases sedutoras, com opiniões e expressões ruidosas, frequentemente entrópicas”¹⁷.

Diante dessa qualidade subjetiva das comunicações políticas atuais, onde se prioriza a convicção pessoal em detrimento da racionalidade coletiva, fortalecendo-se ideologias políticas tão opostas que fica cada vez mais difícil obter um meio-termo nos debates, chega-se ao atual cenário político polarizado. Nesse sentido, considera-se que

[...] há polarização quando membros de um grupo passam a adotar posições parecidas entre si, vendo como inimigos todos aqueles com posições diferentes, que, por sua vez, podem passar por um processo similar. É um processo que promove o antagonismo, julgando ilegítimo qualquer argumento que esteja em desacordo ou não se encaixe nos termos definidos pela oposição nós/eles. A polarização destrói a possibilidade de diálogo cívico, promovendo a desconfiança em relação àqueles que discordam. A polarização deve ser distinguida do conflito de ideias, valores e interesses, que reconhece a legitimidade de visões plurais e dissidentes sobre os mais diversos temas.¹⁸

No âmbito político brasileiro, embora esquerda e direita historicamente tenham suas diferenças ideológicas, há pouco tempo esses dois eixos ainda entravam em consenso sobre determinadas matérias de interesse comum. Pablo Ortellado refere uma pesquisa de 2013 da Universidade de São Paulo na qual participou, demonstrando que naquele ano seis “comunidades de usuários” do Facebook (dentre elas, grupos anticrime de linha dura, campanhas anticorrupção, direitos humanos e ambientalismo), categorizadas de acordo com as interações do usuário na rede social, se distribuíam ao longo dos dois eixos (esquerda e direita), apresentando pontos em comum que não tornavam a distância tão grande entre estes¹⁹.

Contudo, segundo Ortellado, a polarização passou a ser instaurada a partir dos

¹⁶ CHARAUDEAU, Patrick. Op. cit., p.17.

¹⁷ GOMES, Neusa Demartini. **Formas persuasivas de comunicação política: propaganda política e publicidade eleitoral**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 66.

¹⁸ SORJ, Bernardo; CRUZ, Francisco Brito; SANTOS, Maíke Wile dos; RIBEIRO, Márcio Moretto; ORTELLADO, Pablo. Op. cit., p. 29.

¹⁹ GALILEU. **Gráficos mostram polarização política nas redes sociais no Brasil**. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/08/graficos-mostram-polarizacao-politica-nas-redes-sociais-no-brasil.html>. Acesso em: 04 jun. 2019.



movimentos sociais ocorridos em junho de 2013 no Brasil:

Naquele mês, cerca de 12% de toda a população - 200 milhões de pessoas - marcharam. No final de 2013, os cidadãos da direita se uniram em torno da questão da corrupção. Os que estavam na esquerda se atentaram aos programas sociais e serviços públicos. À medida que os partidos políticos começaram a colocar essas questões na frente e no centro de suas plataformas, a esquerda e a direita se separaram, política e socialmente. Conforme monitoramos o comportamento de mídia social das pessoas, descobrimos que os usuários que curtiavam movimentos sociais progressistas no Facebook começaram a dar like nas postagens de políticos esquerdistas no Facebook com mais frequência. Os defensores do movimento anticorrupção e de grupos linha-dura contra o crime também davam mais likes nas páginas dos políticos de direita.²⁰

Prosseguindo na análise da polarização política brasileira, Pablo Ortellado acredita que esta se acirrou entre 2014 e 2016, fragmentando a sociedade brasileira em apenas dois grupos com poucos interesses em comum, progressistas e conservadores, tendo os brasileiros interessados no ativismo anticorrupção e no combate ao crime se alinhado a políticos e partidos de direita, enquanto os interessados em movimentos sociais progressistas e em direitos humanos se associaram a políticos e partidos de esquerda²¹. A divisão teria se acirrado ainda mais em agosto de 2016, quando a então presidente Dilma Rousseff sofreu impeachment em votação no Congresso que segmentou de maneira extrema os políticos e partidos brasileiros.

Considerando a acessibilidade da internet, sobretudo através das populares redes sociais, as pessoas usualmente utilizam tais plataformas digitais para acirrar polêmicas e discussões, defendendo seu viés ideológico e “gerando com isso uma tendência à polarização e à formação de câmaras de eco ou bolhas digitais que se fecham em ambientes de alta afinidade entre os seus membros”²². Contudo, tem ficado claro que as redes sociais não são um mero instrumento para os usuários externarem suas ideologias e debaterem virtualmente, tendo importante influência no fortalecimento da polarização e extremismo ao apresentar às pessoas, quase exclusivamente, conteúdos que apenas reforçam suas posições políticas de acordo com os algoritmos dessas plataformas digitais, como será exposto no tópico a seguir.

²⁰ Ibid.

²¹ Ibid.

²² GOMES, Wilson. Op. cit., p. 90.



3 A CONTRIBUIÇÃO DE ALGORITMOS EM REDES SOCIAIS PARA A POLARIZAÇÃO E AS CONSEQUÊNCIAS PARA A CIBERDEMOCRACIA

Diante da crescente utilização de redes sociais - sobretudo *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* - como principais fontes de informação e consumo de notícias, aliado ao fato de que tais plataformas digitais utilizam algoritmos para tratamento de dados e encaminhamento de conteúdos personalizados com base nas interações do próprio usuário, percebe-se atualmente que as comunicações políticas estão cada vez mais circulando em grupos de interesses fechados.

Essas redes sociais, apesar de monetariamente gratuitas, são financiadas por empresas para que colem os dados dos usuários e, através de um tratamento de dados feito pelos algoritmos, direcionem publicidade personalizada de acordo com os interesses de cada pessoa. E, para coletar mais dados, essas plataformas buscam tornar o ambiente virtual viciante, a fim de manter o usuário conectado por mais tempo, conforme afirma o pesquisador e jornalista inglês Jamie Bartlett²³.

Assim, questiona-se sobre a influência destas redes sociais no acirramento da atual polarização política vivenciada na sociedade brasileira. Ocorre que os *feeds* de notícias, apresentados de forma categorizada através de algoritmos, acabam muitas vezes mostrando tão somente conteúdos que nos agradam, com base nos rastros digitais que deixamos ao clicar, compartilhar e curtir publicações. Desse modo, os dados coletados e tratados por algoritmos “podem reforçar nossos preconceitos ou preferências menos refletidas, nos fechando em relação a opiniões diferentes. Passamos, assim, a ouvir ecos de nossas próprias opiniões e sentimentos”²⁴.

Eli Pariser avalia que esses mecanismos de previsão - usualmente denominados algoritmos - utilizados em sites e redes sociais criam um “universo exclusivo de informações” para cada usuário, o que denomina de “bolha de filtros”, a qual é invisível,

²³ INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Como a internet está matando a democracia**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/587664-como-a-internet-esta-matando-a-democracia>. Acesso em: 11 jun. 2019.

²⁴ SORJ, Bernardo; CRUZ, Francisco Brito; SANTOS, Maike Wile dos; RIBEIRO, Márcio Moretto; ORTELLADO, Pablo. Op. cit., p. 24.



já que não escolhemos os critérios utilizados para filtrar nossos próprios dados. Segundo ele, “cada vez mais, o monitor do nosso computador é uma espécie de espelho que reflete nossos próprios interesses, baseando-se na análise de nossos cliques feita por observadores algorítmicos”²⁵.

Tais filtros de personalização funcionam de forma autônoma, sem nossa interferência, “doutrinando-nos com as nossas próprias ideias, amplificando nosso desejo por coisas conhecidas e nos deixando alheios aos perigos ocultos no obscuro território do desconhecido”²⁶. O mesmo autor também salienta que essa ausência de autonomia dos usuários com os seus próprios dados ocasiona um “determinismo informativo”, considerando que “ficamos presos numa versão estática, cada vez mais estreita de quem somos - uma repetição infundável de nós mesmos”²⁷.

Ainda conforme Pariser, a existência dessa bolha de filtros invisível agrava a tendência natural que temos em nos circundar de pessoas com interesses em comum com os nossos, conhecer informações que coincidam com nossos saberes, reforçar nossas ideias:

A bolha dos filtros tende a amplificar drasticamente o viés da confirmação - de certa forma, é para isso que ela serve. O consumo de informações que se ajustam às nossas ideias sobre o mundo é fácil e prazeroso; o consumo de informações que nos desafiam a pensar de novas maneiras ou a questionar nossos conceitos é frustrante e difícil. É por isso que os defensores de uma determinada linha política tendem a não consumir a mídia produzida por outras linhas. Assim, um ambiente de informação baseado em indicadores de cliques favorecerá o conteúdo que corrobora nossas noções existentes sobre o mundo, em detrimento de informações que as questionam.²⁸

Isso tende a fortalecer ainda mais a polarização política existente na sociedade brasileira e fragilizar a democracia, na medida em que as pessoas acabam consumindo apenas informações que corroboram a sua ideologia, agindo de forma passional sem ponderar outros argumentos, inviabilizando o debate crítico e distanciando cada vez mais os cidadãos. Assim, os algoritmos de redes sociais influenciam a ciberdemocracia ao não apresentar conteúdos contrários aos interesses das pessoas, restringindo o diálogo entre aqueles que pensam de maneira diversa, visando tão somente atender aos desejos e

²⁵ PARISER, Eli. Op. cit., p. 07.

²⁶ Ibid., p. 15.

²⁷ Ibid., p. 16.

²⁸ Ibid., p. 62.



interesses dos usuários para que fiquem cada vez mais tempo fornecendo dados a fim de utilizá-los para publicidade direcionada. Da mesma forma, Leonardo Abido destaca que

Por lógica, então, se um usuário é adepto de uma determinada posição, ideologia ou partido político, a tendência dele interagir com notícias ou publicações que se relacionam e concordam com essa ideologia é maior. Ao interagir com tais publicações, o algoritmo gera para esse usuário cada dia mais conteúdo semelhante, em um círculo vicioso. Entretanto, este não é o ponto de maior preocupação, mas sim o fato de que, o algoritmo irá ocultar deste usuário, as publicações contrárias a essa posição ou ideologia, passando-se a impressão ao utilizador de que toda a rede social (ou sua imensa maioria) apresenta uma posição de concordância com a sua visão ideológica.²⁹

Zygmunt Bauman, sociólogo polonês reconhecido por pesquisar acerca da atual liquidez da sociedade, destaca em entrevista que essa personificação na entrega de conteúdos no meio virtual difere substancialmente das interações humanas no meio físico, principalmente porque fisicamente é necessário confrontar pensamentos diferentes dos nossos e dialogar com as mais diversas pessoas e suas ideologias, enquanto a internet possibilita “bloquear” a diversidade, o que o sociólogo denomina de “confortável solidão” e de “zona de conforto”, como se as plataformas digitais fossem “condomínios distantes do centro das cidades, circundados por muros, guardas armados e câmeras em circuito fechado, onde as pessoas vivem num tipo de mundo imaginário, sem controvérsias, sem conflitos, sem se expor às diferenças”³⁰.

Outra diferença do mundo físico para o virtual é que, enquanto naquele é possível escolher expressamente o conteúdo ao qual deseja ser submetido (por exemplo, mudar o canal da televisão, abrir determinado jornal ou trocar a estação de rádio), neste as linhas editoriais dos veículos de comunicação é que vão decidir a informação que será repassada ao indivíduo, através dos algoritmos³¹. Os mesmos autores destacam que a polarização político-virtual provocada pelos algoritmos nos fecham dentro de consensos pré-estabelecidos, ouvindo tão somente versões repetitivas de nossas próprias opiniões³².

²⁹ ABIDO, Leonardo. Op. cit., p. 164.

³⁰ INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Bauman examina crise da internet e da política**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/552577-bauman-examina-crise-da-internet-e-da-politica>. Acesso em: 10 jun. 2019.

³¹ SORJ, Bernardo; CRUZ, Francisco Brito; SANTOS, Maike Wile dos; RIBEIRO, Márcio Moretto; ORTELLADO, Pablo. Op. cit., p. 25.

³² Ibid., p. 32.



Diante disso, em entrevista para o jornal Estadão, Paul Mihailidis, professor americano e diretor de uma academia global de estudos sobre mídia, salienta a necessidade de responsabilizar as redes sociais pela polarização inflamada pelos seus métodos de distribuição de conteúdo³³. Pensando da mesma forma, o pesquisador inglês James Bartlett entende que é necessário “criar formas de controle democrático sobre os sistemas que possuem nossos dados pessoais”, realizando uma fiscalização sobre os algoritmos que atualmente inexistem, considerando que, “se há um poder, é preciso criar um sistema de fiscalização”³⁴. O referido pesquisador ainda cita algumas possibilidades de fiscalização das redes sociais:

Eu acho que há regulações que podemos criar. A mais fácil delas seria definir essas empresas como publicitárias e investigá-las para combater oligopólios e promover a livre concorrência. Não pensá-las como plataformas de redes sociais. Temos que ficar atentos às aquisições que essas empresas fazem, porque muitas vezes elas compram plataformas menores antes mesmo que estas se tornem competitivas. Então, temos que bloquear esse tipo de compra. E há algumas outras coisas, como regular o conteúdo que circula nesses lugares, como o discurso de ódio. E multá-las caso não removam esses conteúdos.³⁵

Por sua vez, Eli Pariser salienta a necessidade de maior transparência das próprias plataformas digitais, esclarecendo aos usuários o modo como tratam seus dados e as configurações dos algoritmos, isto é, a razão pela qual estão acessando determinado conteúdo através do *feed* de notícias. E uma alternativa para dar mais autonomia de navegação aos usuários seria permitir que eles mesmos determinassem o tipo de conteúdo que desejam consumir, podendo alternar seus interesses através de um botão:

Alternativamente, o Google ou o Facebook poderiam incluir um botão deslizante que corresse de “só coisas que eu curto” a “coisas que outras pessoas curtem e que eu provavelmente vou detestar” no topo dos resultados de buscas e do Feed de Notícias, permitindo assim que os usuários determinassem seu próprio equilíbrio entre a personalização estrita e um fluxo de informações mais variado. Esse método teria duas

³³ ESTADÃO. ‘Redes sociais têm de responder pela polarização que causam’. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,redes-sociais-tem-de-responder-pela-polarizacao-que-causam,70001749156>. Acesso em: 06 jun. 2019.

³⁴ INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. Como a internet está matando a democracia. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/587664-como-a-internet-esta-matando-a-democracia>. Acesso em: 11 jun. 2019.

³⁵ Ibid.



vantagens: deixaria claro que está sendo utilizado um processo de personalização e daria ao usuário maior controle sobre ele.³⁶

Nesse sentido, o *Facebook* estaria trabalhando em uma importante modificação em seu *feed* de notícias recentemente, incluindo um recurso denominado “Porque estou vendo esta postagem?”, conforme anúncio em postagem no blog oficial da rede social no dia 31 de março de 2019. O objetivo seria conscientizar o usuário sobre as razões que levaram uma publicação a aparecer em seu *feed* (se você é amigo da pessoa; faz parte de determinado grupo; curtiu mais posts dessa pessoa do que de outros contatos, etc.) explicando em partes como funciona o algoritmo da rede social para divulgação de conteúdos³⁷. Tal ferramenta, ao menos teoricamente, auxiliaria no combate às bolhas informativas, já que o usuário saberia como a notícia chegou até ele.

Portanto, demonstrada a influência dos algoritmos das redes sociais no acirramento da polarização política existente na sociedade brasileira, faz-se necessária uma mobilização, seja da própria empresa privada ou através de fiscalização do poder público, para que os internautas tenham mais autonomia na escolha dos conteúdos mostrados a ele, evitando assim que as suas informações sejam baseadas exclusivamente em ecos das próprias ideologias, acirrando ainda mais a fragmentação da sociedade. Afinal, como bem salienta Eli Pariser, “[...] um mundo construído a partir do que é familiar é um mundo no qual não temos nada a aprender”³⁸.

CONCLUSÃO

Diante da análise exposta no presente artigo, avalia-se que houve esclarecimento do problema proposto, qual seja, verificar se a utilização de algoritmos para direcionamento de conteúdos personalizados em âmbito digital tem potencial de influenciar a polarização política atualmente existente na sociedade brasileira. Para tanto, foi necessário inicialmente analisar a importância da comunicação no contexto da sociedade informacional, principalmente com a utilização das novas tecnologias para

³⁶ PARISER, Eli. Op. cit., p. 158-159.

³⁷ TECHTUDO. **Facebook anuncia função que explica algoritmo de organização do feed**. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/04/facebook-anuncia-funcao-que-explica-algoritmo-de-organizacao-do-feed.ghml>. Acesso em: 03 abr. 2019.

³⁸ PARISER, Eli. Op. cit., p. 15.



ampliação da participação de cidadãos na emissão de conteúdos, um dos motivos que levaram a uma sobrecarga de informações. Diante desse elevado número de informações transmitidas diariamente na internet, sobretudo em sites e redes sociais, tais plataformas digitais buscaram alternativas para entregar conteúdos mais personalizados aos usuários a fim de mantê-los conectados, coletando seus dados através de algoritmos que analisam as próprias interações virtuais destes.

Em um segundo momento, buscou-se inserir nesse contexto a existência de uma polarização política na sociedade brasileira, avaliando brevemente o histórico de sua origem e os motivos elencados por autores para essa fragmentação ideológica superior à usual dicotomia direita/esquerda. Analisando esse cenário conjuntamente com a hiperconexão da sociedade em rede, verificou-se que a comunicação política tem utilizado frequentemente as plataformas digitais para fortalecer seus interesses e ideologias perante os cidadãos, visando obter a atenção e confiança deles. Estes, por sua vez, considerando acessibilidade da internet, sobretudo através das populares redes sociais, têm utilizado estas para acirrar polêmicas e discussões ideológicas.

Considerando que essas plataformas digitais utilizam algoritmos para tratamento de dados e encaminhamento de conteúdos personalizados com base nas interações do próprio usuário, percebe-se atualmente que as comunicações políticas estão cada vez mais circulando em grupos de interesses fechados, já que as páginas de sites e redes sociais acabam muitas vezes mostrando tão somente conteúdos que agradam os usuários, ecoando seus interesses e fechando-os às opiniões diversas. Isso acaba acirrando os debates acalorados já existentes em uma sociedade com polarização política tal qual a brasileira, na medida em que, ao receber restritivamente informações relacionadas à ideologia de cada um, o usuário passa a pensar que apenas estas são críveis ou dignas de atenção.

Segundo os autores pesquisados, é necessário modificar os procedimentos algorítmicos das plataformas digitais, seja através de uma atitude da própria empresa privada ou de exigências do poder público após fiscalização, visando uma maior autonomia dos usuários da Rede na escolha dos conteúdos mostrados a ele, evitando assim que as informações assimiladas sejam baseadas exclusivamente em ecos das suas próprias ideologias, acirrando ainda mais a fragmentação da sociedade no âmbito político.



REFERÊNCIAS

ABIDO, Leonardo. Algoritmos e democracia: reflexões sobre a influência da inteligência artificial nos processos democráticos contemporâneos. In: MAPELLI, Aline; GIONGO, Marina; CARNEVALE, RITA (orgs.). **Os impactos das novas tecnologias no Direito e na Sociedade**. Erechim: Deviant, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

ESTADÃO. **‘Redes sociais têm de responder pela polarização que causam’**. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,redes-sociais-tem-de-responder-pela-polarizacao-que-causam,70001749156>. Acesso em: 06 jun. 2019.

GALILEU. **Gráficos mostram polarização política nas redes sociais no Brasil**. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/08/graficos-mostram-polarizacao-politica-nas-redes-sociais-no-brasil.html>. Acesso em: 04 jun. 2019.

GOMES, José Jairo. **Direito eleitoral**. São Paulo: Atlas, 2018.

GOMES, Neusa Demartini. **Formas persuasivas de comunicação política: propaganda política e publicidade eleitoral**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

GOMES, Wilson. **A democracia no mundo digital: história, problemas e temas**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na Era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Bauman examina crise da internet e da política**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/552577-bauman-examina-crise-da-internet-e-da-politica>. Acesso em: 10 jun. 2019.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **Como a internet está matando a democracia**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/587664-como-a-internet-esta-matando-a-democracia>. Acesso em: 11 jun. 2019.

LEMONS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

MAGRANI, Eduardo. **Democracia conectada: a internet como ferramenta de engajamento político-democrático**. Curitiba: Juruá, 2014.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SORJ, Bernardo; CRUZ, Francisco Brito; SANTOS, Maíke Wile dos; RIBEIRO, Márcio Moretto; ORTELLADO, Pablo. **Sobrevivendo nas redes: guia do cidadão**. São Paulo: Moderna, 2018.

TECHTUDO. **Facebook anuncia função que explica algoritmo de organização do feed**. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/04/facebook-anuncia-funcao-que-explica-algoritmo-de-organizacao-do-feed.ghml>. Acesso em: 03 abr. 2019.